

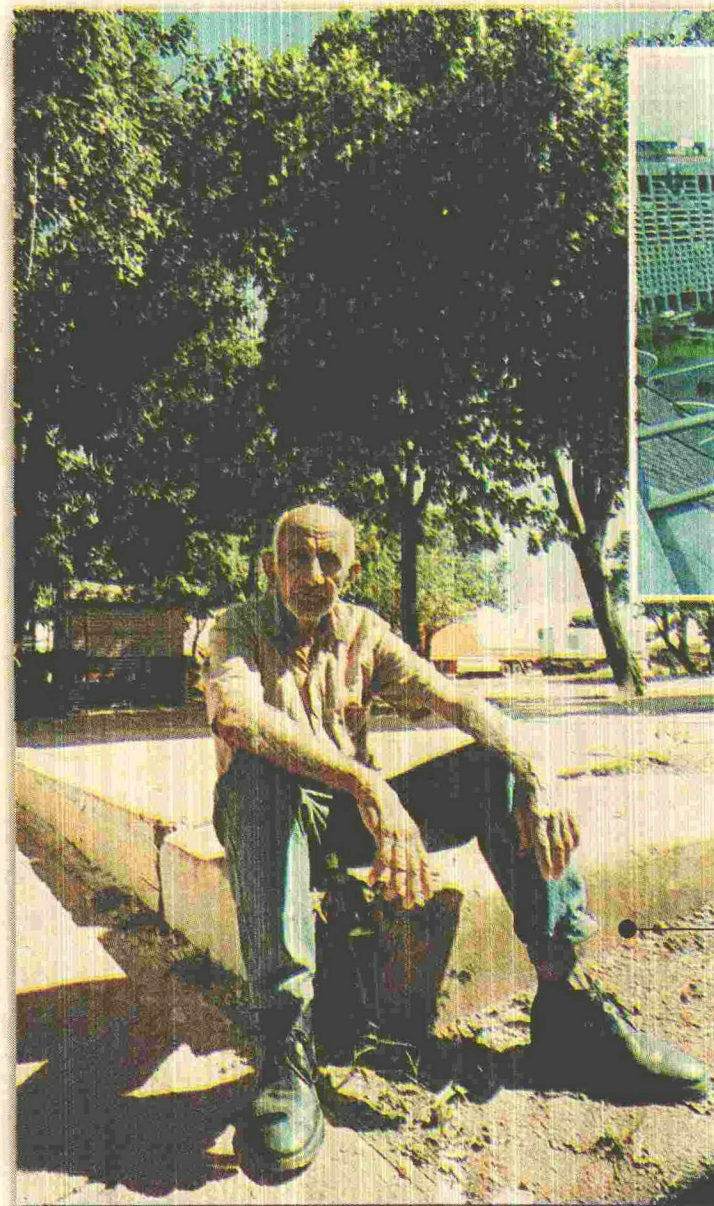
Uma cidade, duas visões

Antônio Ferreira Rocha e Afonso Brazza gostam de admirar a cidade em que moram, cada um de seu lugar: um na Vila Planalto, o outro, dos edifícios

O aposentado Antônio Ferreira Rocha, 90 anos, sabe agradecer à cidade que ele ajudou a construir. Em julho de 1957, ele era um dos 6.283 habitantes que viviam nos acampamentos em volta do Plano Piloto. Fixou-se no da empreiteira Rabelo, uma das pioneiríssimas e mais influentes à época. O acampamento em que morou ficava próximo ao Palácio do Planalto e, por isso, carregou o sobrenome da sede do governo no batismo da vila, habitada por candangos.

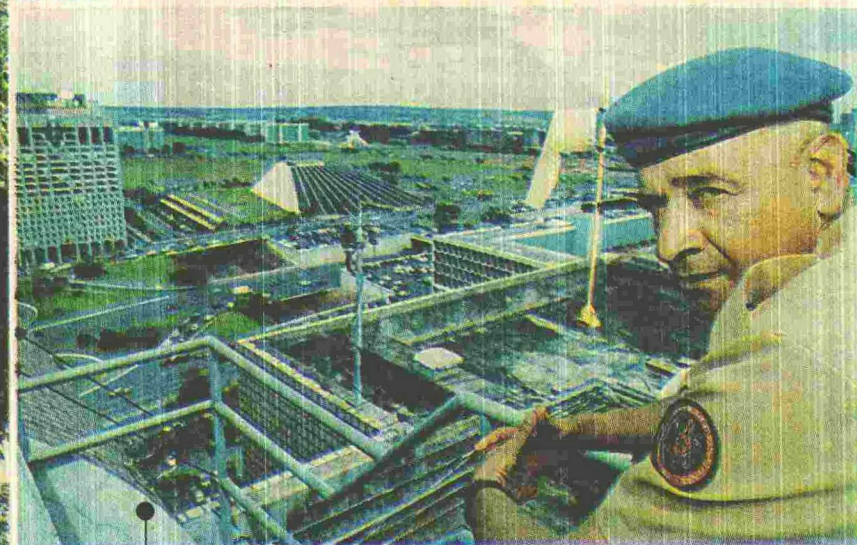
No acampamento que cederia lugar à Vila Planalto, ele viveu a maior parte dos seus dias. Plantou árvores e criou família. Conhecido como *Pai Velho* pelos moradores, ele guarda lembranças da Brasília em construção e surpreende-se com as proporções da cidade hoje. "Brasília foi fixada para todos e acho muito bom que esta característica tenha sido mantida. Esta cidade é para todo mundo e acho que é assim que tem que ser", diz. Atualmente, a população do Distrito Federal ultrapassou os 2 milhões de habitantes.

"Ainda me lembro quando o Conic (no Setor de Diversões Norte) estava sendo erguido. Muitas vezes eu disputei corridas de carrinhos de madeira próximo aquele canteiro de obras", lembra o então catador de papel Afonso Brazza – atual cineasta e militar do Corpo de Bombeiros.



Relembrando os idos de 1964, ele conta como Brasília influenciou na sua vida. "A primeira foi quando o Juizado de Menores me levou até sua sede, na Rodoviária, porque eu estava fazendo bagunça nas proximidades;

leve uma bronca e resolvi mudar o destino da minha vida", diz. Foi para São Paulo em 1969, aprendeu a fazer cinema e voltou 10 anos mais tarde. "Devo tudo a esta cidade", agradece o ator, diretor e produtor de oito



O CINEASTA e bombeiro Afonso Brazza admira dos heliportos a cidade em que mora

ANTÔNIO FERREIRA ROCHA, o Pai Velho, mora até hoje na pioneira Vila Planalto

longa metragens que mostram a cidade que sorriu com seus filmes.

Brazza é um privilegiado porque tem entre os pontos preferidos de Brasília os heliportos dos edifícios da área central da cidade. "Daqui eu

vejo a Brasília por inteiro e posso admirar sua beleza", comenta ele, do alto do Number One, no Setor de Diversões Norte, prédio que completa o lado norte da cidade, que ainda reserva espaços para o crescimento. "Estou ficando velho", exagera o cineasta.

A aposentada Maria Silva de Andrade, 67 anos, chegou em Brasília aos 36 anos. Veio acompanhar o marido, servente nas obras que ainda pontuavam Brasília em 1971. Ela lembra do Conjunto Nacional, o maior e à época recém-inaugurado centro de compras da cidade. "Hoje, quando vejo a quantidade de shopping na cidade, fico espantada com o crescimento que Brasília teve; a cidade cresceu tão rápido quanto foi construída", diz.